

COLÉGIO DE APLICAÇÃO - UFRR

QUE TAL FAZERMOS OUTRAS ATIVIDADES QUE POSSIBILITEM
NOVAS DESCOBERTAS E NOVOS CONHECIMENTOS?

6º ANO - LÍNGUA PORTUGUESA Conteúdo: Leitura e interpretação textual

Texto: A ilha perdida

Na fazenda do padrinho, perto de Taubaté, onde Vera e Lúcia gostavam de passar as férias, corre o rio Paraíba. Rio imenso, silencioso e de águas barrentas. Ao atravessar a fazenda ele fazia uma grande curva para a direita e desaparecia atrás da mata. Mas, subindo-se ao morro mais alto da fazenda, tornava-se a avistá-lo a uns dois quilômetros de distância e nesse lugar, bem no meio do rio, via-se uma ilha que na fazenda chamavam de «Ilha Perdida». Solitária e verdejante parecia mesmo perdida entre as águas volumosas.

Quico e Oscar os dois filhos do padrinho, ficavam horas inteiras sentados no alto do morro e conversando a respeito da ilha. Quem viveria lá? Seria habitada? Teria algum bicho escondido na mata?

Assim à distância, parecia cheia de mistérios, sob as copas altíssimas das árvores; e as árvores eram tão juntas umas das outras, que davam a impressão de que não se poderia caminhar entre elas. Oscar suspirava e dizia:

— Se algum dia eu puder ver a ilha de perto, vou mesmo.

Quico perguntava.

— Não tem medo? E se tiver alguma onça morando lá?

— Onça? Não pode ter. Como é que onça vai parar lá no meio do rio?

— Nadando. Ouvi dizer que onça nada muito bem.

Oscar respondia, pensativo:

— Pode ser. Todos os bichos sabem nadar, só a gente precisa aprender; mas eu queria ver o que há na ilha. Falam tanta coisa...

E ficavam olhando a ilha perdida. Se falavam com o pai, este prometia:

— Quando forem mais velhos, faremos uma excursão à ilha. Arranjaremos canoas apropriadas e iremos até lá.

Os dois meninos chegavam muitas vezes a sonhar com a ilha.

Por ocasião de umas férias, justamente em fins de novembro, chegaram à fazenda Henrique e Eduardo, os dois primos mais velhos de Oscar e Quico. Eram dois meninos de doze e quatorze anos, fortes e valentes. Montavam muito bem e sabiam nadar. Logo nos primeiros dias, percorreram sozinhos grande parte da fazenda; subiram e desceram morros, andaram por toda parte e ao verem o riozinho, onde Vera e Lúcia tinham ido pescar uma vez com padrinho, apelidaram-no de «filhote do Paraíba».

FIQUE EM CASA, MAS FIQUE LIGADO!

(...)

Uma tarde os quatro meninos ficaram no alto do morro olhando a «ilha perdida». Como seria bom se tivessem uma canoa e pudessem ir ver o que havia na ilha.

Eduardo, de espírito mais prático, foi logo dizendo:

— Que pode haver lá? Árvores, cipós, ninhos de passarinhos...

Henrique, com a mão no queixo, olhava pensativo em direção da ilha. Depois disse:

— Vou ver se arranjo uma canoa por aí, nem que seja emprestada ou alugada.

Impossível que ninguém tenha uma canoa; eu sei remar, aprendi em Santo Amaro com uns primos.

Os olhos de Quico brilharam de contentamento:

— Você sabe mesmo remar?

Oscar disse uma frase que esfriou o entusiasmo de todos:

— Nem pensem nisso, papai não deixa. Já pedi muitas vezes e ele não deixa.

Continuaram a olhar o rio. Henrique perguntou:

— Por que chamam de Ilha Perdida? Quico explicou:

— Ninguém sabe direito. Decerto porque parece mesmo perdida no meio do rio.

Quando viemos para cá, já a chamavam assim.

(...)

— Bento, você sabe se mora gente naquela ilha?

Bento olhou em direção da ilha e coçou a testa:

— Há muito tempo ouvi dizer que morava lá um homem ruim, mas nunca vi nada, não sei se é verdade.

Eduardo levantou-se e chegou mais perto de Bento:

— Você nunca viu mesmo nada? Nem um sinal de que há gente lá?

Bento hesitou, olhou o chão, tirou o capinzinho da boca e falou:

— Pra dizer a verdade, um dia eu vi uma coisa lá... Os quatro entreolharam-se. Quico pediu:

— O que foi? Conte, conte.

— Vi uma fumacinha saindo do meio daquelas árvores mais altas lá bem à direita, estão vendo? Daquele lugarzinho vi uma vez sair fumaça.

— Só uma vez? Veja se lembra, Bento.

— Só uma vez, mas era uma fumaça comprida que ia subindo, subindo até às nuvens.

Oscar perguntou:

— E você não teve vontade de ir ver o que era? (...continua)

A Ilha Perdida. Maria José Dupré. Ed. Ática

1. O narrador, ao descrever o Rio Paraíba como “imenso, silencioso”, “de águas volumosas” e a ilha “como solitária e verdejante” com árvores cujas “copas altíssimas davam impressão de que não se poderia caminhar entre elas”, pretende

- a. () conceituar e informar ao leitor como deve ser um rio e uma ilha.
- b. () explicar ao leitor o porquê da ilha se chamar Perdida.
- c. () criar um ambiente de suspense e mistério em sua narrativa.
- d. () apenas descrever a ilha.
- e. () mostrar que todos os rios de Taubaté são imensos e volumosos.

2. Quem são os personagens da narrativa?

3. Escreva o trecho do texto em que se pode deduzir o tamanho da fazenda dos pais de Quico e Oscar:

4. Qual a fala do personagem que demonstra a tomada de decisão de ir investigar a Ilha Perdida?

